



atos

do conselho superior

ano LXVI — julho-setembro, 1985

n. 314

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 314

ano LXVI

julho-setembro de 1985

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Pe. Egídio VIGANÓ A carta de João Paulo II aos jovens 3
------------------------	---

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Pe. Gaetano SCRIVO Os Regulamentos Gerais, parte integrante da nossa Regra de vida 22
-----------------------------	--

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número
-------------------------	---------------------

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 28 4.2 Atividades dos Conselheiros ... 28
------------------------------------	--

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Novos cardeais salesianos 36 5.2 Comissão Central para os Arqui- vos Salesianos e Regulamento do Arquivo Salesiano Central 37 5.3 Dom Bosco e o Concílio Vaticano I — Carta inédita 39 5.4 Irmãos falecidos 40
--------------------------	--

1. CARTA DO REITOR-MOR

A CARTA DE JOÃO PAULO II AOS JOVENS

Introdução. — O ano dos jovens. — Os valores da juventude. — A luz do Evangelho. — O difícil desafio do futuro. — O projeto de vida. — A caridade pastoral para com os jovens. — A pátria da nossa missão. — A intercessão de Maria.

Roma, 31 de maio de 1985

Queridos Irmãos,

escrevo no clima festivo do recente concistório, no qual o Santo Padre elevou ao cardinalato — para um serviço qualificado ao ministério de Pedro — três beneméritos irmãos nossos: Sua Eminência Rosálio Castillo Lara, arcebispo titular de Precausa e presidente da Pontifícia Comissão para a interpretação autêntica do Código de Direito Canônico; Sua Eminência Miguel Obando Bravo, arcebispo de Manágua, Nicarágua; e Sua Eminência Alfons Stickler, arcebispo titular de Bolsena e bibliotecário e arquivista da Santa Igreja Romana.

Podemos dizer que se trata de um acontecimento da nossa pequena história, que se por um lado honra a Congregação, por outro é um forte apelo a vivermos com redobrada intensidade a fidelidade ao nosso carisma na Igreja.

Congratulamo-nos com esses caríssimos irmãos. A eles desejamos sabedoria cada vez maior e muita coragem eclesial na colaboração que devem prestar à solicitude do Romano Pontífice em favor da Igreja universal.

A cada um deles, bem como ao nosso quarto irmão cardeal, Sua Eminência Raul Silva Henríquez, arcebispo emérito de Santiago do Chile, afirmamos a nossa solidariedade, o afeto fraterno e uma constante lembrança na oração.

Ao mesmo tempo que agradecemos ao Santo Padre por essa benévola escolha, que indiretamente envolve também a nossa co-responsabilidade e revigora a profunda e sincera adesão à Sé

Apostólica que Dom Bosco nos legou como herança espiritual, convido-vos a reler com atenção a recente “Carta” que João Paulo II escreveu aos jovens, e a meditar pessoal e comunitariamente seu conteúdo. Trata-se de um precioso documento, que nos interpela.

O ANO DOS JOVENS

A Organização das Nações Unidas declarou 1985 “Ano Internacional da Juventude”. A escolha concentrou a atenção de todos. É objeto de reflexão dos meios de comunicação social, que repetem mensagens de empenho e de esperança. Na área cultural, uma série de publicações nos convida a maior compreensão da juventude na vida do homem e da incisividade do seu dinamismo na evolução da sociedade. A inquietação hoje observada no fenómeno juvenil é um reflexo das condições sócio-culturais, mostra o que emerge do movimento do devir e prenuncia particulares possibilidades de mudança.

Mais que simples festa da juventude, este ano deve ser para nós um convite a rever a missão específica que o Senhor nos confiou entre os jovens. A tanto nos estimula quer o citado documento do Papa aos jovens e às jovens do mundo, quer a correlativa carta a todos os sacerdotes da Igreja por ocasião da Quinta-feira Santa de 1985.

Deve-se observar que no magistério de João Paulo II as duas cartas não são isoladas. Já se pode contar pelo menos umas trinta alocações do Papa aos jovens durante suas viagens apostólicas, e muitas outras a grupos de jovens em diversas oportunidades.

Pode-se dizer que as duas cartas representam o vértice de uma constante predileção e preocupação pastorais. Oferecem-nos uma visão profunda, de muita originalidade, não apenas de simpatia ou interesse cultural, mas de sensibilidade e responsabilidade social e eclesial. São o apelo de um promotor do futuro, mensagem profética de um pastor, intuição e antevidência de um precursor do advento do terceiro milénio cristão.

A Igreja, que vê no homem “o caminho da sua vida quotidiana”,¹ atribui extraordinária importância à juventude na exis-

1. Redemptor hominis 18

tência de cada um e à juventude no dever da humanidade, a ponto de a considerar não apenas uma “propriedade” dos jovens, mas também “um bem especial de todos; é um bem da própria humanidade”.² As possibilidades da história não se esgotam com as gerações que se encaminham para o ocaso, mas se renovam a cada geração, para percorrer ulteriores etapas rumo à manifestação da plenitude.

Pois bem: uma visão desse tipo é conatural à nossa vocação. O CGE20³ e o CG21⁴ levaram-nos neste sentido a escutar os jovens com esperança e realismo, sem dissimular as dificuldades e sem desesperar dos recursos, vendo na lida juvenil as implorações do homem: “o ponto-chave — disse-nos o CG21 — está em apoiar as aspirações profundas e sadias dos jovens, levando ao amadurecimento sua explícita ou implícita solidariedade com o Evangelho”.⁵

Devo confessar-vos que vi com satisfação as duas cartas do Papa em destaque e comentadas em alguns Noticiários inspetoriais e também apresentadas e comentadas por muitos irmãos a grupos de jovens.

OS VALORES DA JUVENTUDE

Lendo as várias alocações e esta última carta do Papa, descobre-se sua profunda reflexão sobre a juventude: um patrimônio de valores e possibilidades para a pessoa, para a sociedade e para a Igreja.

A juventude é um tesouro em si mesma “por aquilo que é” e “por aquilo que dá”: a riqueza do seu “ser” e a fecundidade do seu “dar”.

— Que “é” a juventude?

É primavera, começo, oferta de viçosas possibilidades, semente de futuro onde o bem é mais forte que o mal; o rosto humano não tem rugas, o coração não tem ainda esconderijos, a inteligência está alegremente à procura de tudo o que é verdadeiro e o espírito se debruça com atração e audácia sobre os grandes ideais.

2. Carta apostólica do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens por ocasião do Ano Internacional da Juventude, 1.

3. CGE cf 34-44.

4. CG21 cf 21-29.

5. CG21 27.

A cada nova geração a humanidade pode recomeçar com esperança: Dom Bosco estava convencido de que mesmo numa maçã podre as sementes são ainda boas e promissoras. Não se trata de sonhar ou imaginar uma visão idílica da condição juvenil concreta, como se estivéramos deslumbrados pelos olhos inocentes e pelo sorriso transparente da criança, mas de constatar com reflexão objetiva que a juventude é “a porção mais delicada e mais preciosa da sociedade humana”.⁶ Podemos enumerar as várias qualidades que o Papa costuma lembrar em suas falas: alegria, esperança, transparência, coragem, criatividade, idealismo, entusiasmo, generosidade, lealdade, vivacidade, sentido de justiça, disponibilidade ao serviço, repúdio do meio-termo, desprezo de cálculos mesquinhos, repugnância a toda forma de hipocrisia, intolerância e prepotência.

Juventude implica poder de descoberta, de perspectiva, de escolha, de programação, de assunção pessoal de decisões fecundas.

Isso tudo é por certo “possibilidade”, que não se realiza necessariamente. Mas é possibilidade objetiva, sobretudo se se levar em consideração o acréscimo de energia e de vida que provém do Homem novo ressuscitado mediante o Batismo.

Perguntando “quem são os jovens”, também o Papa lamenta que alguns envelhecem antes do tempo, renunciando torpemente aos valores da juventude: não é simplesmente na biologia, mas no “coração” que se encontra a verdadeira medida do que é a juventude. Ser jovem implica, além da primavera da idade, sentir em si o insistente estímulo do bem e da verdade, possuir um incessante impulso espiritual, alimentar, a partir do interior, a busca dos ideais, perseverar com sacrifício para atingir a meta.

A juventude, pois, é certamente, de per si, um bem extraordinário, não só para cada pessoa, mas para a humanidade inteira, à qual oferece continuamente verdadeiras possibilidades de crescimento e renovação. Será por isso indispensável interessar-se solícitamente por ela.

— Que “pode dar” a juventude?

Neste ponto, se quiser ser realista, a nossa reflexão deve referir-se à juventude hoje, na sociedade concreta que a envolve e lhe apresenta problemas cruciais de vida e de história: a cons-

6. Constituições 1.

ciência e o sentido ético, o amor e a família, a cultura e a paz, o trabalho e a responsabilidade política, a relação positiva com a natureza, o progresso das ciências, o uso humano da técnica, o caminho para a verdade e para a libertação integral do homem. Surgem então muitas dificuldades e obstáculos. Abre-se desta sorte um grande horizonte de compromissos, toda a vasta área da educação, que empenha adultos e jovens num projeto comum de crescimento, revisão e renovação.

As dificuldades que os jovens encontram para fazer frutificar o que podem dar provêm sobretudo de duas vertentes: da diversidade e contraposição na interpretação dos valores por parte da sociedade que os propõe e do ritmo descontínuo e confuso das modas ideológicas e dos modelos concretos de vida que de mil maneiras se oferecem aos jovens.

Há um bombardeio de mensagens, atitudes, promessas, aspirações e utopias, em contraste com um tempo limitado e um ambiente pouco propício para pensar, avaliar, discernir e assimilar.

Este fato provoca dolorosa e inquietante fragmentação entre os jovens, não somente como dado de fato, mas também como mentalidade geral, que desconfia de um empenho educativo orgânico e coerente. Parece flutuar no ambiente a desconfiança de atribuir significado estável às opções de vida que transcenda o simples gosto subjetivo ou a tentação da satisfação hedonista.

Nesse caso, a juventude, em vez de ser semente que fazer frutificar para todos, pode tornar-se um objeto de consumo reservado ao proveito de poucos antes que passe, ou uma energia útil a ser canalizada e instrumentalizada em favor de algum Moloque imperante.

O que a juventude pode dar deverá ser objeto de cuidado da parte de todos: dos jovens, dos adultos, de uma sociedade educadora.

O trabalho da educação refere-se à formação da consciência, aos valores da existência, aos eventos da salvação, aos problemas da sociedade, às exigências do amor, às necessidades dos carentes, ao projeto da própria vida, considerada como autêntica vocação histórica.

Assim a juventude se encaminha pela estrada da esperança e pode renovar a pessoa, o amor, o matrimônio, a família, a paz, o desenvolvimento, a sociedade e a Igreja.

Nesse envolvimento educativo com os jovens, lembra-nos o Papa que a juventude é também “herança” e “crescimento”.

“Herança”, porque “a herança de ser homem”, “a herança da cultura”, “os confins de um povo ou de uma nação” são participação numa história concreta e um apelo ao compromisso para assumir um patrimônio de valores, para confirmá-lo, mantê-lo e incrementá-lo. A juventude nasce inserida numa história, num dever, numa tarefa. A família, a pátria, o bem comum exigem a educação do amor social.⁷

“Crescimento”, porque a juventude deve trazer consigo “a integração gradual de tudo o que é verdadeiro, de tudo o que é bom e é belo, mesmo quando ela, ‘do exterior’, anda unida aos sofrimentos, à perda de pessoas queridas e a toda a experiência do mal, que incessantemente se faz sentir no mundo em que vivemos”.⁸

Deve por isso saber também aceitar a fadiga e o esforço, superar os obstáculos e as resistências, incrementar as relações com os outros, desenvolver o sentido crítico e adquirir a capacidade de discernimento.

Para nós, salesianos, a consideração dos valores da juventude nos interpela profundamente, porque “como educadores colaboramos com os jovens a fim de desenvolver-lhes as capacidades e aptidões até a plena maturidade. Sempre e em todos os casos, ajudamo-los a se abrirem à verdade e a construírem para si uma liberdade responsável. Para tanto nos empenhamos em suscitar neles a convicção e o gosto pelos valores autênticos que os orientam ao diálogo e ao serviço”.⁹

Para isso, além da preocupação com todo jovem como pessoa, dedicamo-nos simultaneamente à constituição de um adequado “ambiente” juvenil, porque a assimilação dos valores não é simples produto de docência, mas resultado de uma experiência vivida e partilhada. Eu o lembrava no discurso de encerramento do CG22: “Trata-se de ver se, à luz da fé, sabemos unir uma sabedoria pedagógica que consiga criar ambiente, experiências, símbolos, empenhos para a descoberta e a assimilação vital dos grandes valores que queremos fazer crescer. O período juvenil da vida se alonga. A síntese cultural em que devemos atuar apresenta sempre novas

7. cf Carta c. a. 11.

8. ib 14.

9. Constituições 32.

dificuldades. Ser hoje 'missionários dos jovens' é um autêntico desafio. O novo e estimulante artigo constitucional sobre o Oratório¹⁰ é convite a incessante criatividade".¹¹

A LUZ DO EVANGELHO

O Papa dialoga com os jovens com verdadeira intuição profética. Não se perde em frases de fácil benevolência, mas interpela-os com a clareza e a integridade do Evangelho; fá-lo com predileção e simpatia, mas com extrema lealdade em relação aos conteúdos mais exigentes.

Eis aí uma lição para todos nós: ter a franqueza e a pedagogia de apresentar aos jovens a Palavra de Jesus. Nós o experimentamos com a "lembrança" das Bem-aventuranças: os jovens entram de boa mente em sintonia com Cristo e abrem-se com ardor aos grandes ideais do Evangelho.

"Queridos amigos — dizia o Papa à juventude de Lima — o manifesto evangélico das Bem-aventuranças é simplesmente um programa fascinante (para vós jovens). É certamente um ideal elevado e exigente. Justamente por isso, porém, é um programa de vida feito à vossa medida. Eu, peregrino da evangelização, sinto o dever de proclamar, esta tarde, diante de vós que somente em Cristo se encontra a resposta aos desejos mais profundos do vosso coração, à plenitude de todas as vossas aspirações; somente no Evangelho das Bem-aventuranças haveis de encontrar o sentido da vida e a plena luz sobre a dignidade e o mistério do homem!"¹²

A Palavra de Jesus, com efeito, manifesta peculiar afinidade com os valores da juventude pela sua novidade, autenticidade, força de libertação e regeneração; tem a misteriosa capacidade de suscitar o impulso do entusiasmo e garantir o ritmo constante de um itinerário para o bem, não obstante fraquezas e cedimentos.

A Palavra de Jesus está intrinsecamente ligada aos grandes eventos de salvação: o seu mistério pascal.

Ele, então, sua Palavra e toda a sua realidade, apresenta-se como a suprema novidade e a permanente juventude de toda a

10. id 40.

11. CG22 70.

12. Alocução de 2 de fevereiro de 1985.

história: nos séculos passados e nos futuros, nada jamais será mais novo e mais jovem do que Cristo ressuscitado; Ele é o alfa e o ômega, o primeiro início e a última meta, o valor máximo, absoluto e sempre atual, que faz explodir o devir humano. Traz consigo o entusiasmo do renascimento; é a primavera de toda geração, o estímulo de toda renovação, a luz e a audácia de toda reforma. O mistério de Cristo, refletido na dimensão escatológica da sua Igreja, é uma perpétua mensagem de juventude.

Assim se explica a afinidade do Evangelho com a idade juvenil.

Será preciso, pois, a exemplo do Papa, tornar a ouvir constantemente com os jovens a Palavra de Jesus.

O centro da “Carta” que estamos a considerar é o encontro de um jovem com Jesus, segundo a versão evangélica de Marcos. Foi escolhido e colocado aí como modelo de um diálogo atual: “Cristo fala assim com um jovem, com um menino ou uma menina; conversa em diversos lugares da terra, em meio às diversas nações, raças e culturas. Cada um de vós (jovens) é seu interlocutor potencial nesse colóquio”.¹³

O encontro faz-se colóquio, diálogo sobre a “vida eterna”: pergunta e resposta, confiança e convite.

As mais profundas interrogações da existência encontram resposta no diálogo com Cristo. A atração do Evangelho não só persiste também diante dos ataques de uma mentalidade positivista aplicada à tecnologia e mesmo a uma explícita programação atéia, mas ressurgue constantemente com nova intensidade, mesmo se marcada em alguns por acentuações subjetivas.

Acertadamente no-lo recordava com palavras exigentes o nosso CGE: “Para o Salesiano, juventude sem Cristo e um Cristo que não encontra lugar entre a juventude, além de ser um remorso, é desafio e impulso à renovação, à procura de novos caminhos, a tudo ousar, contanto que se anuncie eficazmente a salvação de Deus e se ajudem os jovens ‘a serem eles próprios e a viverem autenticamente suas experiência humana e cristã, fazendo-os encontrar na amizade com o Redentor o fulcro animador de sua completa formação’”.¹⁴

13. Carta c. a. 2.

14. CGE 306.

A pessoa e a palavra de Jesus nunca deixa os jovens indiferentes, mas os atrai, interpela, fascina, comove. Jesus olha para eles e os ama; talvez se afastem, mas jamais poderão esquecer o seu rosto.

“Os jovens, justamente porque somente aceitam personalidades íntegras e coerentes, abrem-se com mais boa vontade a uma catequese que apresenta Cristo como o Amor aberto a todos, que leva a efeito a libertação do homem com a doação total de si no sacrifício. Eles se interrogam com profundidade sobre o sentido da vida e do sofrimento, e sob o agulhão de experiências nem sempre positivas da amizade, do amor, do trabalho, procuram a Deus ‘tentando senti-lo e agarrá-lo’.¹⁵

Para eles Cristo pode tornar-se a única resposta de irresistível fascínio”.¹⁶

O DIFÍCIL DESAFIO DO FUTURO

João Paulo II afirma decididamente que “a Igreja olha para os jovens; antes, a Igreja de modo especial olha para Si mesma nos jovens”.¹⁷

Com isso o Papa quer dizer que a missão eclesial de “sacramento universal de salvação” nos caminhos da reconciliação, do ecumenismo, do desenvolvimento e da paz, é particularmente confiada aos jovens; com efeito, afirmou, por exemplo, que “a paz e os jovens caminham juntos”!

Os temas do diálogo, da penitência, da solidariedade, do empenho apostólico e da justiça social são centros de interesse na formação dos jovens. Às vezes a nossa educação é acusada de preparar pessoas que “se acomodam” individualmente, de não ser criadora de compromissos transformadores particularmente onde vigoram estruturas e sistemas que humilham e oprimem a dignidade da pessoa humana e os direitos dos povos. Uma preparação adequada à responsabilidade política, à participação social e a um ativo empenho eclesial é aspecto indispensável na educação dos jovens à profissionalidade, à consciência civil e à opção de fé cristã.

Mas a situação do mundo é muito complexa, difícil, carregada de desequilíbrios e terríveis ameaças: “Estamos todos conscientes

15. Atos 17,26-27.

16. CGE 304.

17. Carta c. a. 15.

— diz o Papa — de que no horizonte da existência de bilhões de pessoas, que formam a família humana ao termo do segundo milênio depois de Cristo, parece desenhar-se a possibilidade de calamidades e catástrofes em dimensões deveras apocalíticas”.¹⁸

Pode ser mudado esse mundo? Os jovens conseguirão mudá-lo? Saberão fazê-lo?

O Papa não titubeia diante de tão angustiantes perguntas, mas estimula a todos a ter confiança e constância: “O Cristo responde como já respondia aos jovens da primeira geração da Igreja com as palavras do apóstolo: ‘Escrevo a vós, jovens, porque vencestes o maligno. Escrevi a vós, filhos meus, porque conhecestes o Pai. Escrevi a vós, jovens, porque sois fortes e a palavra de Deus permanece em vós’”.¹⁹

Há, pois, que confiar na força da ressurreição do Senhor e no poder do Espírito Santo. A vida é “luta”: não uma “luta contra o homem, em nome de qualquer ideologia ou prática separada das raízes do Evangelho”, mas luta contra o mal, contra tudo o que é injustiça, falsidade e mentira, contra todo pecado.

É, porém, necessário que a Palavra de Deus permaneça nos jovens. Então serão “fortes”: poderão chegar “aos mecanismos escondidos do mal, às suas raízes, e assim ‘conseguirão’ gradualmente mudar o mundo, transformá-lo, torná-lo mais humano, mais fraterno — e, ao mesmo tempo, mais de Deus”.²⁰

O PROJETO DE VIDA

O tema da vocação está no centro desta carta do Papa. Está outrossim no colóquio entre Jesus e o jovem, segundo a descrição do evangelista: tudo tende para o “segue-me”, como por graus. Este argumento serve de tecido conetivo para todos os temas: vocação para a vida, para o testemunho cristão, para um empenho eclesial específico.²¹

Nos planos de Deus, a juventude requer um projeto de vida, uma vocação; ela tem uma perspectiva decididamente pessoal. O leque das vocações é amplo, mas há uma consideração privilegiada com relação à sacerdotal e religiosa.

18. ib 15.

19. 1Jo 2,13ss.

20. Carta c. a. 15.

21. ib 8 e 9.

O motivo primeiro, mais que a carência de operários na vinha, é a maturidade da fé em cada jovem e a felicidade que se consegue quando se projeta a própria vida, inserindo-a no plano de amor de Deus criador e redentor e nos dispomos a realizar seu desígnio: "Desejo confiar a vós todos, jovens que sois destinatários desta carta, este trabalho maravilhoso, que está ligado à descoberta, diante de Deus, da respectiva vocação para a vida de cada um. É um trabalho apaixonante. É um empenho interior que fascina. Neste empenho desenvolve-se e cresce a vossa humanidade, ao passo que a vossa jovem personalidade vai adquirindo a maturidade espiritual. Vós vos radicais naquilo que cada um e cada uma é, para conseguir o que cada um e cada uma deve tornar-se: para si, para os homens, para Deus".²²

É belo que os educadores vejam o problema vocacional no aspecto do crescimento do sujeito, mesmo não devendo esquecer as urgentes exigências da abundância da messe com a premente necessidade de braços numerosos.

Sobre a urgência de uma melhor pastoral vocacional poder-se-iam tecer aqui muitos comentários. Não faltaram na Congregação intervenções apropriadas, que atingem os aspectos do discernimento, da pedagogia e da operatividade. São acompanhadas de outras mais autorizadas, como a do segundo Congresso mundial, realizado com a colaboração de diversas organizações e congregações religiosas, sob a responsabilidade da Sé Apostólica, com o concurso das Conferências episcopais.

Mais que repetir os válidos conteúdos apresentados nesses textos e nas mensagens anuais para o dia das Vocações, queria sublinhar algumas observações colhidas em numerosos encontros fraternos mantidos em várias regiões.

A primeira é óbvia: a convicção de que *é a vida que gera a vida!* "Como um terreno demonstra a riqueza das próprias substâncias vitais com o frescor e a exuberância da messe que nele se desenvolve, assim uma sociedade dá prova do seu vigor e da sua maturidade com o florescimento das vocações."²³

O jovem, sem dúvida, é convidado a discernir mais por aquilo que experimenta e constata do que por aquilo que lhe dizem. A esta linha de fecundidade nos impelem também as Constituições no artigo 16, descrevendo o nosso espírito de família: "Este tes-

22. *ib.* 9.

23. João Paulo II, homília 10.5.1985.

temunho desperta nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana”.²⁴

O despertar vocações é mais uma “geração” que um recrutamento. Nosso testemunho “é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens”.²⁵ A densidade cristã do ambiente é canteiro de sementeira.

“Pastoral juvenil e pastoral vocacional — diz-nos o documento conclusivo do segundo Congresso internacional das vocações (1982) — são complementares. A pastoral específica das vocações encontra na pastoral juvenil o seu espaço vital. A pastoral juvenil torna-se completa e eficaz quando se abre à dimensão vocacional.”²⁶

“A pastoral vocacional — com efeito — não é um setor da pastoral juvenil, mas sua perspectiva unificadora, porque toda pastoral é originariamente vocacional. Ou, crescendo, a pastoral juvenil gera a proposta vocacional específica, ou a pastoral vocacional põe a exigência de uma pastoral juvenil como caminho e como seu contexto idôneo.”²⁷

Mas é preciso acrescentar logo outra observação indispensável: *uma sadia pedagogia pastoral exige a inteligência e a coragem da “proposta”!* Não somente uma proposta feita ao grupo, mas a individual, dirigida a cada pessoa na intimidade de um diálogo de discernimento espiritual.

“Não tenhais medo de chamar — diz-nos o Papa —. Não deve existir nenhum medo de propor diretamente a uma pessoa jovem ou menos jovem os chamados do Senhor.”²⁸

Na carta de Quinta-feira Santa de 1985, diz ainda mais explicitamente aos sacerdotes: “O amor torna capazes de propor o bem. Jesus ‘olhou com amor’ o seu jovem interlocutor no Evangelho e lhe disse: ‘segue-me’. Este bem, que podemos propor aos jovens, exprime-se sempre nesta exortação: Segue o Cristo! Nós não temos outro bem para propor; ninguém tem um bem maior para propor”.

O que significa que o jovem deve encontrar-se a si mesmo na maneira mais profunda e autêntica; deve procurar encontrar a

24. Constituições 16.

25. id 25.

26. Documento conclusivo do “Congresso internacional para as vocações” 42.

27. CEI, Vocazioni nella Chiesa 23.

28. Mensagem para o dia mundial de oração pelas vocações 1979.

vocação, *que Cristo mostra ao homem*, encontrar a si próprio como homem: “O Cristo, com efeito, revela plenamente o homem ao homem e lhe faz conhecida a sua altíssima vocação”.²⁹

“Se houver nos nossos corações amor aos jovens, saberemos ajudá-los na procura da resposta ao que é a vocação de vida de cada um e de cada uma delas.”³⁰

Como educadores, devemos convencer-nos de que *esta mediação pessoal é necessária*. Ela ajuda o jovem a explicitar a voz que lhe ressoa no interior e lhe infunde coragem para segui-la. Para muitos é esse o toque indispensável para que se decidam, e é um “sinal” concreto para eles de um colóquio pessoal com o Senhor.

Queria por fim sublinhar também a indispensabilidade do “acompanhamento”, quer pessoal quer de grupo, mediante oportunas *comunidades de acolhida e de crescimento*, das vocações que vão emergindo na consciência juvenil.

Penso ser esta uma das conclusões práticas que se impõem hoje após as experiências realizadas. É verdade que tais ambientes devem ser fortemente personalizados, como convém ao desenvolvimento e ao discernimento de toda vocação; mas são indispensáveis, mesmo enquanto “ambiente”, para que os germes se desenvolvam.

“O acompanhamento individual — personalizado numa sábia obra de discernimento e direção espiritual — e o acompanhamento de grupo, partilha de um caminho gradual de fé comunitário, são complementares e decisivos para uma opção vocacional madura.”³¹

A CARIDADE PASTORAL PARA COM OS JOVENS

A carta do Papa aos sacerdotes na Quinta-feira Santa de 1985 é um precioso complemento à carta aos jovens. Nela se descreve a figura do sacerdote dedicado à juventude e se aprofundam as notas da sua caridade pastoral específica.

É sugestivo constatar que a índole dessa caridade é precisamente a que está no centro do nosso espírito salesiano.³² É uma

29. Carta do papa João Paulo II a todos os sacerdotes da Igreja por ocasião da Quinta-feira Santa 1985, 7.

30. ib 7.

31. CEI c. a. 48.

32. cf Constituições 10,14,15ss.

caridade que impregna e guia todas as energias pessoais e comunitárias, “para sermos na Igreja — como dizem as nossas Constituições — sinais e portadores do amor de Deus aos jovens”.

Na atividade pastoral, a juventude deve ocupar lugar privilegiado, que exige determinadas atitudes no pastor.

O Papa fala primeiramente de “acessibilidade”, ou seja, de disponibilidade, abertura, benevolência, facilidade de contacto, aproximação e interesse.

Trata-se de poder dialogar amigavelmente e com sincera confiança sobre os problemas do projeto de vida, sobretudo os de carácter fundamental, que tocam o tema da salvação e da “vida eterna”. É indispensável despertar o interesse para este argumento vital e, depois, saber ouvir os jovens e saber responder às suas perguntas e objeções.

Para tal fim é preciso que haja no pastor um duplo “*sentido de responsabilidade*”: sentir-se responsável de apresentar objetiva e claramente a verdade salvífica, e mostrar-se um interlocutor competente, verdadeiramente acreditável e com autoridade moral.

Além disso, é preciso acrescentar ao sentido de responsabilidade a consciência transparente do próprio *papel de “mediação*”: dedicar-se com toda a alma à penetração dos corações, sem todavia ofuscar a principalidade de Cristo, o grande Amigo, o verdadeiro e insuperável interlocutor.

Mas a qualidade principal, raiz e alma de tudo, é o *amor*: “uma participação do olhar com que ‘Jesus’ fixou o seu jovem interlocutor no Evangelho, e uma participação do amor com o qual ‘Jesus’ o amou”.³³ Um amor que se traduz em bondade, em amabilidade, no saber estar com eles também em meio às provas e aos sofrimentos, na firmeza e na contestação evangélica do que atenta contra o tesouro de sua juventude, para privilegiar-lhe as qualidades do carácter e do coração.

“Deve-se ainda rezar insistentemente — exorta o Papa —, para que esse amor sacerdotal, desinteressado, corresponda de maneira concreta às expectativas de toda a juventude, tanto masculina como feminina, dos meninos e das meninas. Sabe-se, com efeito, quão diversificada é a riqueza constituída pela masculinidade e pela

33. Carta aos sacerdotes c. a. 6.

feminilidade para o desenvolvimento de uma pessoa humana concreta e irrepetível. Com relação a cada um e a cada uma devemos aprender de Cristo o amor com o qual Ele mesmo ‘amou’.”³⁴

O Santo Padre lembra por fim que a educação e a pastoral dos jovens são *objeto de muitos estudos* sistemáticos e de muitas publicações; quer assim sugerir que uma genuína caridade pastoral move os educadores a estudar e a informar-se seriamente, para ter competência pedagógica, pois sem ela o amor corre o risco de atolar na superficialidade do sentimentalismo ou de uma simpatia de gostos primaveris, sem incisividade cristã.

A PÁTRIA DA NOSSA MISSÃO

A reflexão global que a nós salesianos sugerem as duas cartas de João Paulo II é a ligação substancial e indissolúvel que une a consagração apostólica salesiana à juventude.

O Pe. Albera afirmou, com perspicácia, que o dom da predileção para com os jovens é a alma da nossa missão: “Não basta sentir por eles certa atração natural, mas é preciso amá-los de verdade. Essa predileção, em seu estado inicial, é um dom de Deus, é a própria vocação salesiana, mas cabe à nossa inteligência e ao nosso coração desenvolvê-la e aperfeiçoá-la”.³⁵

Para nós, pois, *o ano da juventude dura toda a vida*: “O Senhor — dizem-nos as Constituições — indicou a Dom Bosco os jovens como primeiros e principais destinatários da sua missão”.³⁶

A juventude, sobretudo a popular e pobre, foi a herança e a paixão carismática de Dom Bosco; marcou a fisionomia fundamental da sua identidade vocacional; ele será sempre e principalmente o Pai e Mestre da juventude.

Elaborou justamente entre os jovens seu estilo de santidade e seu patrimônio pastoral e pedagógico: “No encontro com os jovens do primeiro Oratório”, viveu a experiência do Espírito Santo, a que chamou “Sistema Preventivo”.³⁷

34. *ib.* 6.

35. “Don Bosco nostro modello”, *Lettere circolari di don Paolo Albera*, p. 372.

36. *Constituições* 26.

37. *id.* 20.

O Papa chamou-nos “missionários dos jovens”;³⁸ a juventude é de fato a pátria da nossa missão; e a predileção para com os jovens necessitados atraiu para a Família Salesiana a simpatia das classes populares e a riqueza e abundância de vocações que fizeram da nossa Congregação um Instituto genuinamente internacional, radicado em todos os continentes.

Com as expressões mais ouvidas de Dom Bosco, e com tantas outras dos seus sucessores, poder-se-ia compor um “cântico” da sintonia recíproca e mútua atração entre Salesianos e jovens: uma recíproca afinidade e pertença.

Algumas dessas expressões foram assumidas e perenizadas pelo novo texto das Constituições: a juventude é “a porção mais delicada e mais preciosa da sociedade humana”;³⁹ “por vós (jovens) estudo, para vós trabalho, por vós vivo, por vós estou disposto até a dar a vida”.⁴⁰

“Aqui entre vós me acho bem, minha vida é mesmo estar convosco.”⁴¹

“Basta que sejais jovens, para que eu vos ame muito.”⁴²

“No que é de vantagem da juventude periclitante eu corro para a frente até à temeridade”,⁴³ “com todos os meios que a caridade cristã inspira”.⁴⁴

Dom Bosco “não deu passo, não pronunciou palavra, não pôs mão a empreendimento que não visasse à salvação da juventude”;⁴⁵ e até a castidade querida pelo Fundador deve ser tal que consinta ao irmão amar sinceramente os jovens de modo que “saibam que são amados”.⁴⁶

Se o Espírito Santo formou em Dom Bosco um coração de “pai” e de “mestre”⁴⁷ em vista da missão que lhe foi confiada, também hoje o mesmo Espírito infunde em cada salesiano a graça de fazer “experiência da paternidade de Deus operando pela salvação da juventude”.⁴⁸

38. Carta ao CG22.

39. Constituições 1.

40. Id 14.

41. Id 39.

42. Id 14.

43. Id 19.

44. Id 29.

45. Id 21.

46. Id 81.

47. Id 1.

48. Id 12.

A nossa missão está intrinsecamente ligada ao mundo juvenil e nele encontra a sua realização e a fonte da sua alegria e da sua inventiva porque ali está a sua pátria.

A cada nova geração salesiana cabe redescobrir, reexplorar e amar intensamente essa pátria. Alguém poderá perguntar como fazê-lo de forma atualmente significativa e eficaz, quando a condição juvenil é tão variada e fragmentada, facilmente mutável numa acelerada evolução social onde as instituições educativas se tornam cada vez mais complexas e flexíveis. A carta do Papa deve servir para nós como apelo e convite para assegurar alguns aspectos de empenho.

— O primeiro pode ser o de “*não desertar do campo juvenil*”,⁴⁹ mas de fixar a própria morada nessa pátria perene. É condição indispensável “permanecer”, estar com os jovens, partilhar-lhes as esperanças e os problemas. Talvez, em algumas situações, a crescente idade dos irmãos leva-os insensivelmente a um tipo de gestão indireta, pensando que através de outros, por nós guiados, possa ainda desenvolver-se a mesma missão. Devemos sem dúvida envolver o maior número possível de colaboradores; mas esse empenho só será salesianamente frutífero se os próprios irmãos não perderem nunca seu contato vital com os jovens.

Um caloroso apelo nos vem do CG22: ele “pede a todos os salesianos que voltem aos jovens, ao seu mundo, às suas necessidades, à sua pobreza. Dêem a eles verdadeira prioridade manifestada numa renovada presença educativa, espiritual e afetiva”.⁵⁰

— Um segundo aspecto importante é o de procurar com assiduidade uma verdadeira compreensão do que está contido nas exigências e nos problemas dos jovens. À presença e à convivência é preciso acrescentar a *sintonia* com a alma juvenil. O que hoje preocupa nos jovens não é tanto o conflito, a contestação ou a rejeição, mas o fato de tomarem silenciosamente caminhos subjetivos.

É sumamente necessário saber ouvir e convidar a exprimir-se e a procurar juntos, para aprender a programar a própria existência, à luz do grande mistério de Cristo, caminho, verdade e vida.

49. cf CG21 13.

50. CG22 6.

— Por fim, considero urgente *dar a cada uma das nossas presenças aquela tonalidade juvenil* que desperta vocações e qualifica a autenticidade da nossa missão,⁵¹ mesmo quando uma obra se estende para além dos jovens. É o que nos lembram os novos Regulamentos quando, por exemplo, tratam das paróquias: “A paróquia, confiada à Congregação, deve distinguir-se pelo seu caráter popular e pela atenção aos jovens. Considere o oratório e o centro juvenil como partes integrantes do seu projeto pastoral”.⁵²

Portanto: “presença”, “sintonia” e “preferência operativa”, são condições do dom específico de predileção da nossa caridade pastoral. Elas nos garantem que viver e trabalhar entre os jovens e para os jovens nos situa na verdadeira pátria da missão salesiana.

Penso ser útil, urgente até, que cada Inspeção, casa e irmão saiba fazer cuidadosa revisão do estado de saúde das três condições apontadas. Servirá também para dar uma dimensão mais concreta e empenhativa a uma das importantes Orientações Operativas do último Capítulo Geral, a de melhor qualificação pastoral da nossa ação.⁵³

A INTERCESSÃO DE MARIA

O Papa conclui suas duas preciosas cartas com fervorosa alusão a Nossa Senhora: “Maria de Caná de Galiléia, que intercede pelos jovens, pelos novos esposos”;⁵⁴ e a Virgem Mãe da qual nasceu entre nós “a juventude de Deus”.⁵⁵

Ela se encontra maternalmente nas origens da nossa missão,⁵⁶ e nós “nos entregamos a Ela para nos tornarmos entre os jovens testemunhas do amor inexaurível do seu Filho”.⁵⁷

Convido-vos a confiar sempre na sua poderosa intercessão e a pedir-lhe que faça aumentar em cada irmão e em todas as comunidades o dom da nossa predileção para com os jovens e

51. cf Constituições 6.

52. Regulamentos 26.

53. cf CG22 — documentos 5,6,7.

54. Carta aos jovens c. a. 16.

55. Carta aos sacerdotes c. a. 8.

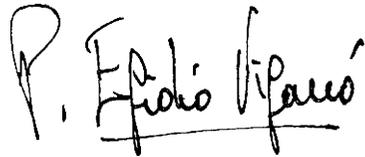
56. cf Constituições 1,8,20.

57. id 8.

saber projetar um modelo concreto de espiritualidade juvenil, que reatualize para a juventude de hoje o milagre de existência cristã que Dom Bosco, “guiado por Maria que lhe foi Mestra”,⁵⁸ soube fazer surgir no Oratório de Valdocco.

Maria nos ajude a ser deveras e em toda a parte “missionários dos jovens”!

Vosso af.mo

A handwritten signature in black ink, reading "P. Egidio Vianes". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

OS REGULAMENTOS GERAIS, PARTE INTEGRANTE DA NOSSA REGRA DE VIDA

O Vigário do Reitor-Mor

Está sendo apresentado em toda a Congregação o texto renovado da nossa “Regra de vida”, e muitas iniciativas úteis são tomadas para fazer conhecer e acolher as Constituições “como testamento de Dom Bosco, livro de vida para nós e penhor de esperança para os pequenos e os pobres” (C 196).

Pode ser útil neste momento, no qual se constata com alegria uma consciência renovada do valor das Constituições, chamar a atenção sobre a função específica dos Regulamentos Gerais que acompanham o texto constitucional.

2.1 Natureza dos Regulamentos

Ao apresentar suas deliberações, o CG21 esclareceu o caráter próprio das Constituições e dos Regulamentos Gerais, especificando-lhe a índole espiritual e a força vinculatória.

Sobre a índole dos Regulamentos, afirmava: “Os Regulamentos Gerais representam o conjunto das disposições que traduzem em normas adaptadas às situações mutáveis os elementos gerais da Regra de vida. Eles contêm por isso as aplicações concretas e práticas de interesse universal das Constituições, válidas portanto para serem praticadas em toda a Congregação... Do ponto de vista jurídico, os Regulamentos formam com as Constituições um único corpo vinculatório, enquanto participam da mesma característica de lei, embora, pela matéria que contêm ou pela vontade explícita do legislador, possam ter um caráter obrigatório diverso” (CG21 376 e 381,a).

Nesta perspectiva, a diferença de natureza dos dois textos não implica discriminação de importância, mas mútua integração, en-

quanto as Constituições, pela sua natureza, exigem uma ulterior precisão de orientação e de norma. A tal exigência respondem precisamente os Regulamentos Gerais, que oferecem um canal de aplicação das Constituições à vida (cf ACG 312, p. 12 e 34).

De resto, todos os ordenamentos jurídicos que regulam as formas associativas eclesiais e religiosas têm em conta esta necessidade. Para os Institutos religiosos, foi dado em seu tempo um critério neste sentido pelo motu próprio "Ecclesiae Sanctae", que indicou aos Capítulos Gerais especiais quais os elementos que deviam ser inseridos no código fundamental e quais apresentados em códigos suplementares.

O novo Código de Direito Canônico acolheu essa indicação no cânon 587, que está na base do direito próprio dos institutos religiosos. Tendo presente esse cânon, o CG22 esclareceu e definiu o âmbito da nossa Regra de vida: ela é expressa não somente nas Constituições, código fundamental, mas também nos outros textos oficiais que constituem o nosso direito particular; entre eles, em primeiro lugar, os Regulamentos Gerais (C 191). Uma interpretação redutiva, que limitasse a nossa Regra de vida só às Constituições, não estaria assim em sintonia com o pensamento da Igreja e da Congregação.

2.2 Validez universal dos Regulamentos

Por sua natureza os Regulamentos Gerais, aprovados pela autoridade suprema da nossa Sociedade, têm uma validade que se estende a toda a Congregação. Com essa intenção explícita foram formulados e aprovados pelos recentes Capítulos Gerais, dos quais participaram irmãos de todo o mundo salesiano, com suas peculiares sensibilidades mesmo culturais. Eles, pois, refletem uma concreta operativa avaliada não com ótica regionalista mas de universalidade: comprova-o a enorme maioria com que foi aprovado cada um dos artigos.

É bom recordar a propósito que o CG22 reconfirmou nas Constituições o princípio de subsidiariedade e descentralização no serviço da autoridade (C 124); considerou a criatividade e flexibilidade como componentes característicos do espírito salesiano (C 19); mostrou sensibilidade e atenção às exigências da inculturação (C 30).

Coerentemente, o Capítulo Geral não podia inserir nos Regulamentos artigos que aparecessem como um empobrecimento ou, pior, um obstáculo às legítimas expressões dos três valores acima indicados. Cada artigo, ao invés, foi aprovado precisamente porque reconhecido com expressão da nossa unidade vocacional e canal de encarnação salesiana em cada região.

2.3 A atuação dos Regulamentos

De quanto foi dito sobre a natureza dos Regulamentos e sobre sua relação com as Constituições, emerge claramente a importância que assume sua atuação. Por isso, mais que insistir sobre a necessidade da observância dos Regulamentos, creio oportuno apresentar três motivações.

A primeira motivação funda-se no fato que um estudo atento do conteúdo dos Regulamentos nos faz descobrir que, na base das normas, há valores e exigências vocacionais. A observância material da pura norma não basta de si mesma para garantir o valor e a coerência de uma vida e ameaça conduzir ao formalismo. A alergia, hoje espalhada, a tudo o que sabe a norma pode ter uma explicação para algumas ênfases inoportunas. Mas pode ser superada, se se chegar a ver nos conteúdos dos nossos Regulamentos um sinal e uma expressão concreta de valores religiosos salesianos. É esta uma convicção a ser aprofundada e talvez, em não poucos casos, recuperada.

De fato, alguns importantes valores da nossa vocação são vinculados, em maior ou menor medida, à prática dos Regulamentos. Não é um fato casual que na edição das novas Constituições, ao lado de muitos artigos, encontramos um chamado a um ou mais artigos regulamentares: ao todo são 177. É uma novidade redacional que, além de útil para consulta e estudo, mostra a ligação estreita entre Constituições e Regulamentos. Cada um desses chamados, ainda que de maneira diferente, segundo a matéria a que se refere, indica uma mediação ou uma modalidade concreta para a atuação dos artigos constitucionais.

Uma segunda motivação é dada pela particular incidência comunitária que têm os Regulamentos. Nas Constituições lemos: "O irmão se empenha em construir a comunidade em que vive... Aceita a correção fraterna, combate quanto descobre em si de

anticomunitário e participa generosamente da vida e do trabalho comum” (C 52). Ora, pelo caráter peculiar dos Regulamentos, sua observância ou infração manifestam-se normalmente com comportamentos e fatos externos, concretos, constatáveis na comunidade. De aí deriva que, mesmo prescindindo da intenção das pessoas, a observância é construtora de comunhão, ao passo que a inobservância é anticomunitária. O testemunho, com efeito, como o contratestemunho têm em si mesmos uma capacidade de penetração e difusão, que nem sempre é possível medir, mesmo porque seu influxo não se exerce somente em breve prazo.

Neste ponto é natural que o pensamento se volte especialmente para aqueles aos quais foi confiado o serviço da autoridade. Ele exige, além do testemunho pessoal, a solicitude de promover quanto constrói a comunidade e o empenho para prevenir e corrigir, com caridade paciente, situações e comportamentos anticomunitários. A política da não intervenção, nestes casos, pode mostrar-se como uma opção de prudência humana e de paz, mas dentro de maior ou menor espaço de tempo revelar-se-á como uma opção que abre o caminho à superficialidade espiritual, ao ofuscamento do sentido evangélico da ascese, à diminuição do impulso apostólico da comunidade. De qualquer maneira, é uma política que corresponde às exigências, bem precisadas nas Constituições, do serviço de autoridade, destinado “a promover a caridade, a coordenar o empenho de todos, a animar, orientar, decidir, corrigir, de forma que se realize a nossa missão” (C 121).

A terceira motivação é dada pelo momento histórico que estamos a viver. Na carta de apresentação do texto renovado da nossa Regra de vida, o Reitor-Mor sublinha que “inicia-se nestes anos, na vida dos Institutos religiosos, uma etapa que se deveria caracterizar pelo esforço de atuação e aplicação prática... e abre-se para a Congregação um período de maior concreteza” (ACG, p. 34).

A experiência nos confirma sempre mais que a renovação exige não só uma clara compreensão dos valores a serem vividos e dos ideais a serem atingidos, mas também uma metodologia prática, que procure os caminhos e programe as intervenções necessárias para que os projetos elaborados sejam gradualmente realizados (cf RRM 331). Só assim daremos a palavra aos fatos.

Para isso tudo não bastam certamente os Regulamentos, mas também não se pode prescindir deles. Falharia de maneira rele-

vante a síntese necessária entre os meios e os fins e a mútua integração entre as Constituições e os Regulamentos.

2.4 O pensamento e a práxis de Dom Bosco

Vou concluir minhas considerações com uma referência ao pensamento e à práxis de Dom Bosco.

No nosso Fundador, à grandiosidade dos ideais e à coragem de correr para a frente até à temeridade, junta-se um realismo constante e uma genialidade prática, que o coloca na vanguarda das realizações concretas. Por isso admiramos nele uma capacidade incomum de intuições antecipadoras, uma genialidade criadora, mas também uma forte vontade organizadora para assegurar estabilidade e continuidade à sua obra.

A preocupação com a organização e com a concreteza levaram-no a escrever vários “regulamentos”. Diz a propósito o Pe. Braido: “Não se deve exagerar, certamente, nem também subestimar o lugar e a função dos Regulamentos na comunidade educativa de Dom Bosco e no quadro da sua visão pedagógica. Há em Dom Bosco afirmações que parecem contraditórias, mas que na prática revelam-se ao invés complementares. ‘São estes os artigos preliminares do nosso regulamento — escreve ele no fim dos artigos gerais colocados antes dos Regulamentos. Mas a todos é indispensável paciência, diligência e muita oração, sem o que acho inútil todo bom regulamento.’ Mas por ocasião de inobservâncias regulamentares já lembradas, adverte os jovens: ‘...São coisas que Dom Bosco não pode tolerar, porque na casa a disciplina é tudo...’ (MB VIII, 77). A pedagogia da bondade não é fraca, mole, aproximativa, mas forte, ordenada, disciplinada, formadora de homens sérios e de cristãos de caráter” (“Scritti sul sistema preventivo nell’educazione della gioventù”. La Scuola ed. 1965).

Atitude análoga encontramos nas várias etapas de fundação da nossa Sociedade. É significativo o fato que, conseguida finalmente — em 13 de abril de 1874 — a aprovação definitiva das Constituições, Dom Bosco tenha sentido a necessidade de um regulamento, uniforme e completo, que, mesmo valorizando a experiência dos Regulamentos anteriores, limitados ao “Oratório” e à “casa do Oratório”, correspondesse ao desenvolvimento da nova situação.

Como resulta das Memórias Biográficas, pôs-se ao trabalho no verão de 1876, dedicou-lhe longas reflexões, fez ler aos Diretores reunidos para as conferências de S. Francisco as partes que se referiam ao pessoal; depois quis que o Pe. Rua o revisse do princípio ao fim e que o Pe. Barberis examinasse atentamente os artigos disciplinares, inspirando-se em princípios sobre os quais haviam discutido juntos. Depois ele mesmo reexaminou-o, ponderando cada uma de suas palavras e castigando o texto com modificações. Finalmente, o Pe. Vespignani fez, no escritório de Dom Bosco, a cópia definitiva. Rapidamente impresso, foi distribuído em novembro de 1877 a todas as casas sob o título "Regulamento para as Casas da Sociedade de S. Francisco de Sales" (cf MB XIII, 441).

Esse texto, amadurecido ao longo de vinte anos, é dos mais importantes entre os que Dom Bosco deixou aos seus filhos. Juntamente com as deliberações tomadas nas Conferências de S. Francisco de Sales e depois nos quatro Capítulos Gerais de que Dom Bosco participou, constitui o primeiro núcleo dos futuros Regulamentos e documenta a vontade de Dom Bosco de codificar uma "tradição" por ele iniciada e vivida, para transmiti-la aos seus filhos como um particular caminho ascético e pedagógico de grande disciplina salesiana.

Pe. Gaetano Scivo

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

No fim de 1984, o Reitor-Mor, de acordo com a tradição, deu e explicou a "Lembrança" aos irmãos da Casa Geral, dia 30 de dezembro. O mesmo fez, dia 31, na Casa Geral das FMA.

Dois acontecimentos importantes nos primeiros dias de janeiro: dia 2, a inauguração do Encontro sobre "Os jovens e a paz" na UPS; dia 5, um encontro pessoal com João Paulo II.

De 26 de janeiro a 3 de fevereiro, visitou várias comunidades da Lombardia e do Piemonte, celebrando em Valdocco a festa de Dom Bosco. Em Valdocco fez a entrega das Constituições, dia 2 de fevereiro, a cerca de mil salesianos do Piemonte, que lotavam a Basílica: um momento histórico e comovente.

Voltando a Turim, em 27 de fevereiro, esteve presente como convidado de honra à inauguração da exposição sobre o salesiano Pe. Alberto De Agostini, promovida pelo Museu Nacional da Montanha "Duca degli Abruzzi", do Club Alpino Italiano.

Entre os numerosos encontros, merece destaque os havidos com os Mestres de Noviços de todo o mundo. Fez-lhes conferências e manteve diálogos de grupo e colóquios pessoais.

Para comemorações, visitou diversas cidades italianas. Especial importância tiveram os dias passados na Espanha (9-20 de abril), onde participou da XIV semana nacional dos Religiosos, em Madri, na qual fez uma relação: "Reno-

vação pós-conciliar da Vida Religiosa: a realidade atual vista com critérios conciliares" e uma comunicação: "Novas relações entre Religiosos e leigos após o Vaticano II". Visitou diversas casas salesianas.

Esteve também em Tanzânia e Quênia, na África Oriental. Em duas semanas visitou as fundações, falou com os irmãos, com as FMA, com os dois cardeais e muitos bispos. Pôde constatar que o Projeto África é uma graça para o futuro da Congregação. A visita encerrou-se com dias de reflexão, em Nairobi, reunindo membros da delegação e da Inspeção Central no Quênia.

Participou ainda das reuniões anuais com os Superiores Gerais em Villa Cavalletti, de 22 a 25 de maio, sendo eleito como um dos três Superiores Gerais que tomarão parte no próximo Sínodo extraordinário. Dia 24 de maio participou da festa de N. S. Auxiliadora em Valdocco, e, dia 25, do Concistorio público com os três novos cardeais salesianos.

4.2 Atividades dos Conselheiros

O Vigário do Reitor-Mor

Além das atividades normais, lembram-se alguns momentos de animação, como a visita a Inspeções italianas para a solene entrega das Constituições renovadas: Inspeção Lígure-Toscana, Sardenha, Meridional (em Nápoles, Bari e Soverato) e Sícula (Catânia, Messina, Ragusa).

De 26 a 29 de março, visitou a Inspeção de Lisboa, encontrando-se com o Conselho Inspeção, comunidades de formação e com os Irmãos reunidos em Lisboa, Porto, Mogofores e Estoril. Em Escorial (Espanha) pregou um retiro aos diretores das Inspeções de Madri, León e Bilbao.

O Conselheiro para a Formação

Além dos encontros a que é normalmente convidado, orientou o dicastério, participando diretamente:

a) Estabeleceram-se os critérios para a reelaboração da *Ratio* e das *Orientações e Normas para o discernimento vocacional salesiano*. Ficharam-se, discutiram-se, selecionaram-se as observações providas de expertos, comissões inspeção de Formação e de quantos colaboraram. A reelaboração das *Orientações e Normas* já está pronta.

b) Com os membros do dicastério, acompanhou o curso de atualização para os Mestres de Novícios. Quarenta e dois participantes, quarenta e oito dias de trabalho. Parecem atingidos os objetivos de melhor conhecimento e assimilação das Constituições, mais eficaz metodologia para uma comunicação aos novícios e renovação espiritual pessoal. Pensa-se num curso para formadores do pós-noviado, com especial cuidado com os formadores de salesianos leigos. O Curso começará dia 11 de novembro.

De 8 de abril a 10 de maio, o Conselheiro esteve no Brasil, na Argentina e no Chile.

— Em Campos do Jordão presidiu uma reunião de formadores das inspeções brasileiras, presentes os inspetores. No tema: “A primeira formação no contexto das várias culturas, e especialmente no con-

texto da cultura brasileira”, apresentou uma relação sobre “Orientações da Congregação sobre a formação inicial salesiana e sua adequação às diversas culturas”.

— Na Argentina pregou os Exercícios Espirituais e desenvolveu temas de atualização, referentes à animação das comunidades locais aos diretores da Conferência do Plata, presentes os inspetores. Fez em Cabana (Córdoba), conferências sobre temas de metodologia da ação formadora. Visitou o noviciado de La Plata, encontrou-se com as comunidades formadoras de Córdoba, com teólogos, tirocinantes e pós-noviços de Buenos Aires.

— No Chile reuniu-se com diretores, formadores da primeira formação, Conselho Inspeção, Comissão inspeção de formação, Conselho das FMA. Visitou as comunidades formadoras. Temas desenvolvidos: metodologia da ação formadora.

Em maio participou, em Madri, do Encontro dos professores de Moral dos Estudantados e Centros de estudo afiliados à FST da UPS, fazendo uma conferência introdutiva: “Moral e experiência espiritual salesiana”.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Na Índia (fevereiro) refletiu sobre as Constituições renovadas com os diretores das Inspeções de Madrastra e Bangalore, em Madrastra; com os de Dimapur, Gauhati e Calcutá, em Calcutá.

Em Bombaim aprofundou o Projeto Educativo Pastoral a nível inspeção. Fez uma relação: “Critérios para um Projeto Pastoral Salesiano”. Nas Filipinas estudou as Constituições com os diretores do Japão, China, Tailândia e Fili-

pinas: uma semana de aprofundamento.

Março foi dedicado à América Latina. Realizou-se um encontro das 24 inspetorias que compõem as duas regiões latino-americanas. Dele participaram todos os delegados de pastoral juvenil e os animadores dos movimentos juvenis e da dimensão vocacional. Foi o 4.º encontro dos últimos 18 anos. Feitas as avaliações do encontro anterior, examinaram-se os pontos que preocupam no início do novo período. Concretamente:

— As linhas de conteúdo da educação dos jovens ante a situação da América Latina.

— O associacionismo juvenil dos salesianos hoje na América Latina.

— Alguns aspectos do trabalho vocacional.

— A animação e a intercomunicação das inspetorias.

Encontrou-se depois com as Conferências de inspetores do Plata e do Brasil, respectivamente, para expor e confrontar o que emergiu do encontro dos delegados de Pastoral Juvenil e amadurecer decisões.

Na Espanha participou de dias de estudo para a elaboração de uma linha formativa para os membros das comunidades educativas. O dicastério preparara um temário de 34 verbetes, pontos-chaves para a formação cristã, pedagógica e salesiana dos membros da comunidade educativa. O grupo aprofundou-os e deu-lhes maior precisão.

Para um grupo de salesianos da inspetoria lombardo-emiliana comentou “as características da pastoral salesiana segundo as Constituições”. Encontrou-se com o grupo animador da pastoral inspetorial e

com o Conselho, para um confronto sobre problemas e tarefas referentes às respectivas competências, particularmente diante das novas exigências da pastoral dos jovens.

O dicastério enviou duas comunicações. A primeira diz respeito ao centenário da morte de Dom Bosco, ao ano internacional da juventude e a qualificação dos irmãos a nível mundial. A segunda informa sobre os seminários programados para recolher e socializar as experiências de pedagogia e pastoral entre os jovens marginalizados. Um grupo de estudo estudou dois temas: “Elementos e linhas para a experiência associativa salesiana”; “A comunidade educativa pastoral salesiana e o território”.

O Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

Empenhou-se (janeiro a junho) em numerosas atividades. Na Argentina participou do Congresso nacional argentino dos Cooperadores Salesianos, em La Plata; depois, ao encontro com os salesianos encarregados inspetoriais para a Comunicação Social.

Em Santiago do Chile encontrou-se com os delegados para os Cooperadores e os Ex-alunos, mantendo contato também com os comunicadores sociais.

De volta à Europa, pregou os Exercícios Espirituais aos diretores das inspetorias de Sevilha e Córdoba, mantendo depois encontros com grupos de Cooperadores e Ex-alunos na inspetoria de Sevilha, como também com as comunidades formadoras dessa inspetoria.

Encontrou-se, no começo de fevereiro, com os delegados para os Cooperadores das Inspeorias da

Itália. Presidiu, de 7-10 de fevereiro, o Encontro extraordinário dos Presidentes das Federações européias dos Ex-alunos. Dias 16 e 17 de fevereiro participou no Conselho nacional dos Ex-alunos da Itália. No Salesianum, organizava e animava a XI Semana da Família Salesiana sobre o tema: "As Bem-aventuranças do Evangelho: reflexões para uma espiritualidade juvenil".

Em março, entre as diversas atividades, destaca-se:

A presidência da "Consultoria internacional para a Comunicação Social; a participação no curso para os Mestres de Noviços; a presidência das Comissões pré-congressuais, que preparam o novo texto de regulamento para os Cooperadores Salesianos; contacto com os responsáveis do trabalho cinematográfico sobre Dom Bosco em Munique; participação no encontro nacional dos jovens Cooperadores da Itália, em Roma, em preparação ao dia internacional dos jovens, convocado pelo Papa para o domingo de Palmas.

Em abril participou nas reuniões semanais da Comissão preparatória do Congresso Mundial dos Cooperadores, que se realizará em fins de outubro. Participou na Junta confederal dos Ex-alunos, presidiu uma Consultoria especial dos delegados para os Cooperadores e Ex-alunos, para estudar a inserção dos jovens nas Associações da Família Salesiana.

Manteve encontros com o pessoal salesiano e leigo que trabalha nas Editoras salesianas de Turim: SEI, LDC, SAF.

Participou no XXII Conselho nacional dos Cooperadores Salesianos da Itália, em Frascati.

No fim de abril, viajou para animar os grupos da Família Salesia-

na e da Comunicação Social no Uruguai, Brasil, Peru, Equador, Estados Unidos e Canadá. Nessas inspetorias, encontrou-se com irmãos e grupos da Família Salesiana e com os órgãos de animação: Conselhos inspetoriais dos salesianos (ao menos em alguns lugares), Conselhos inspetoriais dos Cooperadores, delegados e presidências dos Ex-alunos etc... Encontrou-se com os responsáveis pela Comunicação Social, visitando também Centros especializados, especialmente no Brasil.

De 26 de maio a 1.º de junho, presidiu, em West Haverstraw, nos Estados Unidos, o 4.º encontro internacional dos Editores salesianos. Estudou-se o tema: "New Technologies for Publishers". Participaram 54 salesianos e leigos adidos às nossas Editoras.

O Conselheiro para as missões

Visitou em dezembro as comunidades de Dilla e Makallé na Etiópia, levando a solidariedade do Conselho Geral e da Congregação aos irmãos empenhados em socorrer as populações atingidas pela seca e pela carestia.

Foi à América Latina para uma visita de conhecimento e animação. Visitou as casas do território dos Mixes, no México, as missões kekchi na Guatemala, e as duas comunidades do Panamá.

Na festa de São João Bosco, teve uma reunião com todos os missionários do Ariari, juntamente com os três bispos colombianos, em Granada. Falou a todos os irmãos em formação e aos noviços das inspetorias de Bogotá e Medellín. No Equador visitou as casas da missão amazônica do Vicariato de Mendez, como também em Zumba-

gua e Salinas. Na Venezuela, quis conhecer o Vicariato amazônico de Puerto Ayacucho e visitou as missões do Alto Orinoco e do Rio Negro. No Brasil, seguindo o rio Uaupés e o Rio Negro, chegou a Manaus. Conheceu a situação nos três territórios do Planalto e nas quatro zonas amazônicas salesianas.

De volta, representou o Reitor-Mor na tomada de posse de Dom Ter Schure na Catedral de 'S Herogen Bosch, Holanda.

Em março, presidiu, com o Pe. Paron, uma reunião dos procuradores para as missões de 11 países (Europa e Estados Unidos), realizada em Bonn, Alemanha. A finalidade era estudar uma melhor coordenação e mais eficaz colaboração entre eles.

De 19 de abril a 18 de maio, visitou a presença salesiana do Senegal, Libéria, Costa do Marfim, Togo, Benin e Nigéria. Esteve também alguns dias na Guiné (Conakry) e em Serra Leão, para estudar a possibilidade de eventual abertura salesiana.

Visitou, por fim, algumas casas da Bélgica, para animação missionária.

O Ecônomo Geral

Na festa de Dom Bosco entregou as Constituições à comunidade da Casa Geral. O mesmo fez, em 12 de fevereiro, em Palermo.

Convocou para a Pisana o Conselho Superior Administrativo da Universidade Salesiana para a revisão e aprovação dos balanços administrativos. Participou de vários encontros sobre o "Progetto Colle".

Dia 12 de março encontrava-se com os ecônomos inspetoriais das inspetorias da Itália, participando em sua reunião semestral. Em Bonn, encontrou-se com os encarregados das Procuradorias Missionárias.

Em Tolmezzo esteve presente à festa do 25.º da fundação da inspetoria de S. Marco. Dia 8 de maio, em Turim, participou da Assembléia ordinária e extraordinária da SEI, para a aprovação do balanço.

Na Polônia visitou as obras em construção, trazendo belíssima impressão da coragem empreendedora que renova nossas obras nessa nação. Em Varsóvia, representou o Reitor-Mor no Congresso Nacional da Juventude Salesiana Polonesa (26 de maio).

O Conselheiro para a América Latina Região Atlântico

Deixava Roma dia 1.º de janeiro. Chegando a Buenos Aires, iniciava rápida visita a essa Inspeção, reunindo-se com o Inspetor e seu Conselho. Participou no Congresso Nacional dos Cooperadores e continuou com breve visita a todas as comunidades dos salesianos e das FMA na inspeção de La Plata.

Acompanhado pelo Inspetor de Buenos Aires, visitou toda a Patagônica austral, a partir de Ushuaia até o Norte.

Dia 31 de janeiro presidiu a celebração e recebeu a profissão religiosa de 41 noviços da Argentina e do Paraguai.

Voltava ao Noviciado interinspetorial de La Plata, dia 16 de fevereiro, para iniciar a visita extraor-

dinária à inspetoria de Córdoba, tendo um primeiro contato com os noviços dessa inspetoria. No pós-noviçado de Córdoba, participava do encontro inspetorial de Pastoral Juvenil dos salesianos e colaboradores leigos.

Durante a visita extraordinária deve-se assinalar também a participação no 4.º encontro latino-americano de Pastoral Juvenil salesiana, realizado em Cumbayá (Quito), de 20 a 30 de março. Em 1.º de abril, iniciava a reunião da Conferência inspetorial do Plata, em Assunção. Em 9 do mesmo mês, logo após visitar o Estudantado Teológico da Lapa, em São Paulo, dava início à Conferência inspetorial do Brasil. Depois participou do encontro dos formadores do Brasil, realizado em Campos do Jordão.

Dia 14 de abril, iniciou em Buenos Aires a primeira semana de Exercícios Espirituais para todos os Diretores do Plata, pregados por Don Paolo Natali. Em Cabana, Córdoba, realizava-se, em 28 de abril, o encontro dos formadores do Plata. Seguiu-se a segunda semana de Exercícios Espirituais para os diretores.

Dia 18 de maio concluiu a Visita Extraordinária, após encontrar-se com os Ex.^{mos} bispos, as FMA que trabalham na inspetoria de Córdoba, as VDB, os Cooperadores e os Ex-alunos.

Em 20-21 de maio tinha uma segunda reunião com os Inspectores do Brasil, para tratar, juntamente com o Pe. Sergio Cuevas, os temas da Família Salesiana e da Comunicação social nas seis inspetorias.

De volta à Itália, participava em Turim da festa de Maria Auxiliadora, regressando a Roma para acompanhar os três novos cardeais salesianos.

O Conselheiro para a América Latina Região Pacífico-Caribe

Em princípios de janeiro fez rápida visita à Inspetoria das Antilhas, para definir com o Inspetor, Pe. Angel Soto, a proposta de nomeação do novo Conselho Inspetorial. Fez breve visita à zona de Moca, Jarabacoa e à sede do Pós-noviçado.

Iniciou então a visita extraordinária à inspetoria do México Norte, inspetoria de Cristo Rei e Maria Auxiliadora, com sede em Guadalajara. Sucessivamente participou, junto com o Pe. Juan Vecchi e com o Conselheiro da Região Atlântico, da reunião de Cumbayá sobre a pastoral salesiana continental. Visitou, para conhecer e contatar, as Missões do Vicariato apostólico de Mendez: Macas, Sucúa, Sevilha Don Bosco, Taisha, Wapuik, Yaupi, Santiago, Gualaquiza e Bomboiza. Voltou então a Guadalajara, para terminar a visita canônica à inspetoria do México Norte, onde ficou até 25 de abril. Do México partiu para rápida visita às inspetorias do Chile, Peru e Bolívia. Visitou, por fim, nos últimos sete dias, a Venezuela. Além de contatos com o inspetor, visitou, particularmente, a nova Escola Agrícola Salesiana de Barinas. Dia 30 de maio estava de volta a Roma.

O Conselheiro Regional para a Ásia

Iniciou a visita extraordinária à inspetoria da Tailândia, com uma reunião do Conselho e dos delegados inspetoriais. Durante a visita participou também na 11.ª reunião dos diretores do Extremo Oriente (Coreia, Japão, Hong Kong, Tailândia e Filipinas) realizada em Manila, para aprofundar as novas Consti-

tuições. Ao termo da visita, esteve rapidamente em Hong Kong.

Dia 25 de março foi a Nova Deli para presidir a Conferência Inspeccional Indiana, na qual se decidiu constituir um Centro de Formação Permanente para toda a Índia e iniciar, em Kalyani (Calcutá), um curso pelo menos anual para os irmãos coadjutores, em obediência aos artigos 116,2 das Const. e 98 dos Reg. Gerais; a Conferência constituiu também uma Comissão para aprofundar o problema da inculturação no ensino da Filosofia; os inspetores comprometeram-se a enviar um sacerdote ou um coadjutor professo perpétuo todos os anos à África Este.

No mês de abril, o regional visitou algumas comunidades da inspeccional de Madrasta, particularmente o novo Noviciado de Coimbatore, só para a inspeccional de Madrasta, que tem este ano 36 noviços. Foi depois a Sri Lanka e a Bangalore, onde pregou duas rodadas de exercícios espirituais para os irmãos e encontrou-se com o novo inspetor, Pe. José Thekedath. Em fim de maio, visitou o noviciado e o pós-noviciado da inspeccional de Bombaim, em Nasik.

O Conselheiro para a Região de língua inglesa

Visitou todas as inspeccionais da Região, com exceção da África do Sul, que faz parte da inspeccional irlandesa.

Foram diversos os escopos das visitas. Na Austrália presidiu a Assembléa de todos os irmãos, reunidos para uma reflexão de fé sobre as novas Constituições. Foi depois a Samoa, para ver o trabalho aí realizado pelos irmãos australianos.

Nos Estados Unidos apresentou a nomeação dos novos inspetores e fez conferências nas comunidades de formação.

Dedicou todavia a maior parte do tempo (2 de fev. a 18 de maio) à visita extraordinária à inspeccional da Grã-Bretanha. Essa visita exigiu uma estada de uma semana na Libéria, nas comunidades missionárias confiadas a essa inspeccional.

Antes de regressar a Roma, visitou a casa inspeccional de Dublin e as casas salesianas na ilha de Malta.

O Conselheiro Regional para a Europa e a África Central

Os encontros com as inspeccionais da Região foram geralmente ocasionais (reuniões de Conselhos inspeccionais, celebrações...), mas muito úteis, embora sempre muito breves. Por falta de tempo, não pôde ir à Áustria, Alemanha e Jugoslávia.

Mais longa a permanência na África Central. Visitou, em maio, os irmãos do Zaire, do Ruanda e do Burundi, entrando em contato com as diversas autoridades eclesísticas, com várias comunidades religiosas e com grupos de Cooperação.

De volta a Roma, encontrou cerca de 300 cartas, grande parte em resposta à consulta para a escolha do inspetor de Munique (Alemanha).

O Conselheiro para a Região Ibérica

De 13 de janeiro a 19 de março, fez a visita extraordinária à inspeccional de Portugal, que conta com cerca de 200 irmãos. Visitou a ilha

de São Vicente (Cabo Verde), onde está nossa Obra: continua a grave seca. A visita a Moçambique e a Macau ficou para momento mais oportuno. Dia 3 encontrou-se com os salesianos coadjutores em Fátima, reunidos para um dia de reflexão vocacional e pastoral e de oração aos pés da Padroeira.

Em 21 de março começou a visita à inspetoria de Bilbau, com mais de 260 irmãos, encerrando-a com a reunião dos diretores. Visitou a República Popular de Benin, onde a inspetoria tem três casas.

Após a Páscoa, acompanhou o Reitor-Mor, que visitava três inspetorias espanholas, na entrega das Constituições aos irmãos da Espanha, na pessoa de todos os inspetores (10 de abril).

Entre os compromissos do último mês, destacam-se alguns de importância nacional. Presidiu, em Madrid, a reunião da Conferência inspetorial. Em maio fez em Sevilha uma conferência à XVIII Assembléia inspetorial das Associações de Nossa Senhora Auxiliadora, que coincidia com as celebrações do 50.º da Casa de Triana. Dia 1.º de junho participou do Congresso nacional dos Cooperadores Salesianos.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia

Seu empenho principal foi a visita extraordinária à inspetoria de Cracóvia, no Sul da Polónia.

Visitou, além disso, as sete comunidades formadoras das quatro inspetorias salesianas da Polónia e os dois noviciados das FMA. Em todas essas comunidades manteve encontros de animação. Participou nos Encontros dos outros grupos da Família Salesiana. Cumpre assinalar, particularmente, a participação no Congresso da juventude, organizado em Varsóvia pela inspetoria da Polónia leste, de Lodz, para os jovens das Casas dessa inspetoria, com numerosas presenças dos grupos juvenis das demais inspetorias e da Família Salesiana da Polónia.

Momentos importantes para a animação foram, em janeiro e em maio, os encontros com a Consultoria da Conferência das inspetorias da Polónia para uma sempre mais eficaz realização da missão salesiana.

Acompanhou ainda o Ecônomo Geral, Pe. Omero, na visita que fazia à Polónia.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Novos cardeais salesianos

No Concistório de 25 de maio de 1985, o Papa João Paulo II criou 28 novos cardeais, entre eles três salesianos.

Ao mesmo tempo que nos alegramos pela estima e confiança que o Papa demonstrou para com os três irmãos, acompanhamo-los com nossas preces fraternas na nova responsabilidade de serviço a eles confiada. E tomamos consciência do "convite concreto à docilidade, colaboração e adesão ao Sucessor de Pedro", feito a toda a Sociedade Salesiana (de uma entrevista do Reitor-Mor).

Apresentamos alguns dados biográficos dos novos cardeais.

1. CARD. ALFONS M. STICKLER

Nascido em 23 de agosto de 1910, em Neunkirchen (diocese de Viena), de Miguel e Teresa Chechner, entrou aos 11 anos para o colégio salesiano de Viena III.

Concluído o noviciado em Ens-dorf, Alemanha, fez os primeiros votos em 15 de agosto de 1928. Após o tirocínio e a teologia, feita antes em Benediktbeuern, Alemanha, e sucessivamente em Turim-Crocetta, e depois em Roma, foi ordenado sacerdote na basílica de São João de Latrão, dia 27 de março de 1937.

Em 1940 conseguia a láurea "in utroque iure" na Universidade Lateranense, e logo depois era feito professor de Direito Canônico no Pontifício Ateneu Salesiano, antes em Turim, depois em Roma.

De 1953 a 1958 é Decano da Faculdade de Direito Canônico e de 1958 a 1966, Reitor Magnífico do Pontifício Ateneu Salesiano.

Findo o período de reitorado, é nomeado Diretor dos Estudos do Pontifício Instituto de Alta Latindade, anexo ao Pontifício Ateneu Salesiano, cargo que ocupou até 1968.

Retomado o magistério, foi chamado por Paulo VI a colaborar na Biblioteca Apostólica Vaticana (25 de março de 1971).

Em 1983, João Paulo II nomeia-o Pró-Bibliotecário da Santa Igreja e o consagra pessoalmente Bispo na Capela Sistina, dia 1.º de novembro do mesmo ano, como arcebispo titular de Bolsena.

Nomeado em 1984 Pró-arquivista da Santa Igreja, é elevado à púrpura cardinalícia por João Paulo II, dia 25 de maio de 1985.

2. CARD. ROSALIO JOSÉ CASTILLO LARA

Nasceu em San Casimiro, Venezuela, dia 4 de setembro de 1922, de Rosalio e Guilhermina Lara. Entrou para o colégio salesiano de Valencia em 1934.

Concluídos os estudos de humanidades e o noviciado em Usaquén, professou em 18 de janeiro de 1942. Após o tirocínio e os estudos de Teologia em Mosquera, Colômbia, foi ordenado sacerdote em Caracas, dia 4 de setembro de 1949.

Depois de um ano como conselheiro escolar em Los Teques, foi

para Turim-Crocetta para freqüentar a Faculdade de Direito Canônico no Pontifício Ateneu Salesiano (o Card. Stickler foi seu professor).

Concluídos os estudos, voltou à Venezuela, em 1953, como professor no Estudantado Filosófico de Caracas-Altamira. Bem logo, em 1954, foi feito professor na Faculdade de Direito Canônico no Pontifício Ateneu Salesiano, antes em Turim, depois em Roma.

Mal voltou à Venezuela (1965), foi nomeado Inspetor de Caracas (1966). Em 1967 foi chamado a fazer parte do Conselho Superior da Congregação, como Conselheiro Regional para Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru e Chile, ocupando esse cargo até 1971, quando foi eleito Conselheiro para a Pastoral Juvenil.

Dia 26 de março de 1973, Paulo VI nomeou-o bispo titular de Precausa e Coadjutor com direito de sucessão de Dom José Leon Rojas Chaparro, bispo de Trujillo, Venezuela. Foi consagrado em 24 de maio.

Dois anos depois, Paulo VI chama-o à Itália para ser Secretário da Pontifícia Comissão para a revisão do Código de Direito Canônico. Concluída a revisão, João Paulo II promove-o a arcebispo e nomeia-o Pró-presidente da Comissão Pontifícia para a interpretação autêntica do Código.

Dia 25 de maio de 1985 é elevado à dignidade de cardeal da Santa Igreja.

3. CARD. MIGUEL OBANDO BRAVO

Nascido em 2 de fevereiro de 1926, em La Libertad, Nicarágua, de Antônio e Nicolina Bravo, en-

trou aos 16 anos para o colégio salesiano de Granada.

Completado o currículo de humanidades, fez o noviciado em Ayagualo (El Salvador), fazendo em 1950 a primeira profissão.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, iniciou os estudos teológicos em Guatemala, onde Dom Rivera Damas foi seu professor.

Ordenado sacerdote em Antigua, Guatemala, em 10 de agosto de 1958, é enviado ao aspirantado e noviciado de Ayagualo, El Salvador. Conselheiro escolar, nos primeiros anos, é nomeado em 1962 diretor da comunidade. Acompanhou os aspirantes quando transferidos para Planes de Renderos, sempre como diretor, até que em 18 de janeiro de 1968 recebe a nomeação para bispo titular de Puzia de Bizacena e auxiliar de Dom Octavio José Calderon Y Padilla, bispo de Matagalpa, Nicarágua.

Consagrado bispo em 31 de março de 1968, é transferido, em 1970, para a sede metropolitana de Managua, como arcebispo.

João Paulo II eleva-o à púrpura cardinalícia dia 25 de maio de 1985.

5.2 Comissão Central para os Arquivos Salesianos e Regulamento do Arquivo Salesiano Central

Com carta de 24 de maio de 1985 ao Secretário Geral, o Reitor-Mor criou uma Comissão Central para os Arquivos da Congregação Salesiana e aprovou "ad experimentum" (para um biênio) o "Regulamento do Arquivo Salesiano Central", que tem sua sede na Casa

Geral de Roma (Regulamento que foi recentemente renovado).

Apresentamos a carta do Reitor-Mor.

5.2.1 Carta do Reitor-Mor referente ao Arquivo Salesiano Central e sobre os outros Arquivos da Congregação.

Caro Pe. Maraccani,

no âmbito da modernização dos Escritórios da Direção Geral, louvavelmente iniciada por teu predecessor, e continuada por ti e por teus colaboradores com competência e dedicação, está apenas encaminhado o trabalho de ordenação, classificação e computadorização da documentação que se encontra no Arquivo Salesiano Central e nos demais Arquivos da Direção Geral e da Casa Geral.

É de todos conhecida a importância do nosso Arquivo Central para a história e a vida da Congregação e da Família Salesiana. É antiga tradição salesiana zelar com particular cuidado pela conservação do patrimônio documental da Congregação. Quis por isso dar maior impulso e incremento a quanto se havia iniciado anos atrás, realizando projetos importantes, um dos quais foi certamente o da microfilmagem do "Fundo Don Bosco".

Por esse motivo dispus que fosse aumentado o pessoal adido a esse importante serviço e escolhi o nosso Pe. Rafael Farina para diretor do Arquivo Salesiano Central. Espero que ele nos possa dar, também neste setor, o serviço da sua competência, pelo menos durante alguns anos.

Espero também que a solução dos problemas referentes ao Arquivo Salesiano Central possa aju-

dar-nos a resolver os problemas dos Arquivos menores da Congregação. Alguns deles, ainda que de pequenas dimensões, têm importância relevante para a história da Congregação Salesiana e da Igreja local. Todos os Arquivos, os inspetoriais em primeiro lugar e os de cada casa, têm sua importância e devem ser cuidadosamente conservados e ampliados, segundo as normas da ciência arquivística e das técnicas mais modernas. Não devem ser descuidados os Arquivos, em alguns casos talvez devam constituir-se ex novo, das numerosas Entidades que enriquecem as Obras e atividades salesianas ou que de algum modo a elas se referem.

Todos esses motivos induzem à formação de uma Comissão Central, que tenha por escopo o cuidado geral de todos os Arquivos da nossa Congregação. Pensei que seria bom convidar para dela fazer parte o Vigário Geral, que a preside, o Ecônomo Geral, o Secretário Geral, o Diretor do Arquivo e o Diretor do Instituto Histórico Salesiano.

Anexo a esta carta, encontra-se o Regulamento do Arquivo Salesiano Central, que entendo aprovar por ora ad experimentum por dois anos, a partir desta data.

Com esta minha carta entendo também decretar a abertura do Arquivo Salesiano Central à consulta de todos os estudiosos, especialmente salesianos, que, observando as normas previstas, o solicitem, mas não além do ano 1931, ano da morte do venerado quarto Sucessor de São João Bosco, Pe. Filipe Rinaldi.

Peço-te que te empenhes pessoalmente, e contigo todos os teus colaboradores, na fiel execução e realização de quanto aqui se dispõe no Regulamento anexo.

Com as bênçãos e a proteção de Dom Bosco por parte do teu afeiçoadíssimo

P. Egidio Viganó
Reitor-Mor

Roma, 24 de maio de 1985.

Rev. D. Francesco Maraccani
Segretario Generale
Via della Pisana 1111
00163 Roma

5.2.2 Regulamento do ARQUIVO SALESIANO CENTRAL (Ver na edição italiana.)

5.3 Dom Bosco e o Concílio Vaticano I — Carta inédita

Publicamos uma carta inédita de Dom Bosco, conservada em "Acta S.S. Concilii Vaticani" no Arquivo Vaticano.

Endereçada ao Secretário do Concílio Vaticano I, a carta demonstra o interesse de Dom Bosco para com o grande acontecimento eclesialístico e é um sinal do seu amor para com a Igreja e da sua disponibilidade para servir à Sé Apostólica.

Turim, 22 de novembro de 1969

Excelência Reverendíssima,

na necessidade de um esclarecimento concernente à participação no próximo concílio ecumênico, atrevo-me a encaminhar a V. Ex.^a Rev.^{ma} uma humilde súplica. Ei-la em poucas palavras.

Sei por algumas cartas e por notícias particulares de amigos que

os Superiores Gerais das ordens religiosas definitivamente aprovadas e com jurisdição serão admitidos ao próximo concílio; não pude entretanto informar-me se as congregações eclesialísticas se acham compreendidas nesse número.

Sou Superior Geral da Congregação chamada *Sociedade de S. Francisco de Sales*, definitivamente aprovada com jurisdição, com votos simples mas perpétuos e reservados à Santa Sé.

Se V. Ex.^a, num gesto de grande bondade, puder escrever-me uma palavra que esclarecesse se esta sociedade se deve arrolar no número dos admitidos ou dos excluídos, far-me-á um grande favor. Não quereria faltar a nada que redundasse em serviço à S. Sé, como também não quereria avançar uma palavra em assunto em que não me devesse imiscuir.

Convicto de que acolherá benignamente a importunação que lhe causo, desejo-lhe do céu saúde e vida feliz, enquanto me professo com profunda gratidão,
de V. Ex.^a Rev.^{ma}

Obr.mo servo
Sac. Gio. Bosco

A Sua Excelência Rev.ma
Mons. Fessler bispo de S. Hipólito
secretário do Concílio Ecumênico Vaticano
Borgo Nuovo Roma

R. 29 de novembro: Respon. quod Superiores Generales Congregationum Ecclesiasticarum in quibus non nisi vota simplicia, etsi fuerint perpetua et S. Sedi reservata, emittantur juxta normas generales ad Synodum Oecum. non admittantur.

5.4 Irmãos falecidos

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUOGO	DATA	ETÀ	ISP.
P. Bacchiarello Giuseppe	Shillong	9.05.85	78	ING
P. Barucci Giovanni	Kotagiri	26.04.85	79	INK
P. Bonamigo Antonio	Alessandria (Egitto)	16.04.85	82	MOR
P. Bonello Mario	Torino	20.04.85	71	ISU
P. Bonilla Luis	Medellin	23.02.85	90	COM
P. Bordin Ubaldo	Port Chester	25.11.84	75	SUE
P. Breen Patrick	Limerick	29.05.85	88	ING
P. Buazzelli Rinaldo	Latina	6.04.85	60	IRO
P. Caluwé Charies	Groot Bijgaarden	31.05.85	40	BEN
P. Cerrano Aldo	Vallecrosia (Imperia)	24.04.85	62	ISU
P. Cofalka Franciszek	Rózanystok	27.05.85	87	PLE
P. Corregia Albert	Shillong	15.05.84	78	ING
L. Dalla Riva Silvio	Maroggla (Svizzera)	05.04.85	76	INE
P. Del Favero Giuseppe	Mogliano V. (Treviso)	22.04.85	89	IVE
P. De Muru Benito	Santa Cruz	22.11.84	61	BOL
L. Brózdź Wladyslaw	Szczyrk	23.02.85	75	PLS
L. Duarte Antonio	Porto	12.12.84	70	POR
P. Fekete József	Gamás	4.05.85	75	UNG
L. Glesson Anthony	London, Battersea	5.05.85	75	GBR
P. Hernandez Alv. José	Bogotá	1.08.84	88	COB
P. Koziet Józef	Kraków	30.05.85	64	PLS
L. Kucharski Serwacy	Czerwinsk	14.03.85	76	PLE
L. Lavarda Giovanni	Albaré (Verona)	29.05.85	86	IVO
P. Lunate Jaime	Paris	12.05.85	58	SMA
P. Maclas Celedonio	Barcelona	7.04.85	85	SBA
L. Mambrin Vittorio	Latina	29.04.85	72	IRO
P. Marin Del Amor	Alcoy	16.01.85	73	SVA
P. Migliasso Giovanni	Vercelli	29.03.85	85	INE
P. Mora Bohorquez Juan	Bogotá	21.03.85	69	COB
P. Morra Remo	Barpeta Road	29.04.85	67	ING
L. Opaka Jakob	Cadiz	11.03.85	85	SSE
P. Saeyens Theophiel	Boortmeerbeek (Belgio)	2.05.85	75	AFC
P. Sauchil Luigi	Napoli	8.04.85	71	IME
P. Sitzia Francesco	Arborea (Oristano)	30.11.84	86	ISA
P. Spitzer Johannes	Ensdorf	22.04.85	70	GEM
P. Tuberet Michael	Bolton	3.06.85	65	GBR
P. Unterthiner Alois	Klagenfurt	11.05.85	76	AUS
P. van der Linden Antonius	Rotterdam	25.05.85	83	OLA
P. Waloszek Valentin	Bamberg (Germania)	1.05.85	82	PLS
S. Woroniecki Andrzej	Dabrowa Biatostocka	27.05.85	19	PLE